

EXPLORANDO O TERRITÓRIO DOS AFETOS A PARTIR DE LEV SEMENOVICH VIGOTSKI

Daniela Schmitz Wortmeyer¹
Daniele Nunes Henrique Silva
Angela Uchoa Branco
Universidade de Brasília, Brasília-DF, Brasil

RESUMO. O território dos afetos, denominação genérica sob a qual abarcamos emoções, paixões e sentimentos em suas diversas nuances, tem sido abordado sob diferentes enfoques epistemológicos ao longo do tempo. Partindo de uma perspectiva fisiológica, passou depois por enfoques metafísicos, indo até o surgimento de olhares mais atentos ao papel das interações sociais no desenvolvimento humano, que compreendem o campo dos afetos no contexto dos processos semiótico-culturais nos quais se constitui o sujeito. No presente artigo buscaremos resgatar as contribuições da abordagem histórico-cultural esboçada por Lev Semenovich Vigotski para o estudo das emoções, a qual estabeleceu marcos importantes em meio aos debates das correntes vigentes no século XX. Situiremos, em seguida, algumas abordagens contemporâneas de orientação sociocultural que se propõem a dar prosseguimento à proposta do autor russo, analisando avanços trazidos por novas pesquisas sobre o tema. Por fim, discutiremos desafios e implicações de uma perspectiva histórica e sociocultural para o estudo dos afetos que atente para a complexidade e a dinamicidade dos fenômenos psicológicos.

Palavras-chave: Emoções; Vigotski; Psicologia Histórico-Cultural.

EXPLORING THE TERRITORY OF AFFECTS BASED ON VYGOTSKY'S LEGACY

ABSTRACT. The territory of affectivity, the generic category that embraces emotions, passions and feelings in their various nuances, has been approached from different epistemological perspectives over time. From physiological to metaphysical approaches based on the role of social interactions in human development, comprising the field of affect within the context of the semiotic-cultural processes in which the subject constitutes itself. In this article, we present and discuss the contributions of the cultural-historical approach outlined by Lev Semenovich Vygotsky for the study of emotions, which established a milestone amid the explicative tendencies found in debates over the subject in the 20th century. We also discuss some sociocultural contemporary approaches as they build upon the Russian author's proposal, analyzing advances brought by new researches about the topic. Finally, we discuss challenges and implications of a sociocultural and historical perspective to the study of affectivity that takes seriously the complex and dynamic nature of psychological phenomena.

Keywords: Emotions; Vygotsky; historic-cultural psychology.

EXPLORANDO EL TERRITORIO DE LOS AFECTOS A PARTIR DE LEV SEMENOVICH VIGOTSKI

RESUMEN. El territorio de los afectos, denominación genérica bajo la cual abarcamos emociones, pasiones y sentimientos en sus diversos matices, ha sido tratado desde diferentes enfoques epistemológicos a lo largo del tiempo. Desde una perspectiva fisiológica, pasando por enfoques metafísicos, hasta el surgimiento de miradas más atentas a la función de las interacciones sociales en el desarrollo humano, que comprenden el campo de los afectos en el contexto de los procesos semiótico-culturales los cuales el sujeto se constituye. En este artículo, buscaremos retomar las contribuciones del enfoque histórico-cultural que fue esbozado por Lev Semenovich Vigotski para el estudio de las emociones, que estableció hitos importantes en medio al debate de las corrientes vigentes en el siglo XX. Traeremos, enseguida, algunos enfoques contemporáneos de orientación sociocultural que se proponen llevar a cabo la propuesta del autor ruso, analizando los avances traídos por las nuevas investigaciones sobre el tema. Finalmente, discutiremos

¹ *Endereço para correspondência:* SQS 115, Bloco I, ap. 101, Asa Sul, CEP 70.385-090 - Brasília-DF, Brasil. *E-mail:* daniela77@uol.com.br.

los retos y las implicaciones de una perspectiva histórica y sociocultural para el estudio de los afectos, que involucra la complejidad y la dinámica de los fenómenos psicológicos.

Palabras-clave: Emociones; Vigotski; psicología histórico-cultural.

O território dos afetos, denominação genérica sob a qual abarcamos emoções, paixões e sentimentos em suas diversas nuanças, tem sido historicamente tratado como o campo da imprecisão, da imprevisibilidade, da irracionalidade e, por vezes, da herança atávica ligada à animalidade. Afetos, por outro lado, também são decantados como o que confere cor e sabor às experiências e como o cenário dos dramas existenciais propriamente humanos, em que se embatem sentimentos sórdidos e sublimes no percurso do desenvolvimento ontogenético.

As tentativas de estudo científico desse objeto fluido e desafiador adotaram diferentes enfoques epistemológicos ao longo dos tempos, que vão desde uma perspectiva fisiológica, que abordava as emoções como processos fundamentalmente orgânicos e geneticamente determinados, passam por enfoques metafísicos, que intentaram pesquisar os sentimentos ditos superiores, que diferenciariam os seres humanos dos animais, e chegam até o surgimento de olhares mais atentos à constituição social do desenvolvimento, que compreendem o campo dos afetos no contexto do processo semiótico e cultural no qual se constitui o sujeito.

No presente artigo, buscaremos resgatar as contribuições da abordagem histórico-cultural esboçada por Lev Semenovich Vigotski para o estudo das emoções, a qual se desenvolveu em meio ao debate das perspectivas fisiológicas e metafísicas sobre os afetos, no início do século XX. É preciso esclarecer que a grafia do sobrenome do teórico russo tem variado, conforme o padrão de transliteração do alfabeto cirílico adotado, entre Vigotski, Vygotsky, Vigotsky ou ainda Vygotski. No presente artigo, optamos por utilizar a forma atualmente mais corrente nos trabalhos redigidos em português, no Brasil.

Embora não tenha desenvolvido propriamente uma teoria das emoções, Vigotski estabeleceu marcos importantes, que ajudam a balizar o caminho investigativo nesse território desafiador. Como definiu o próprio autor, “A teoria dos sentimentos ou das emoções é o capítulo menos elaborado da velha psicologia. É

mais difícil descrever, classificar e vincular esse campo do comportamento humano a certas leis que fazer isso com todos os restantes” (Vigotski, 1924/2003, p. 113).

Em seguida, destacaremos algumas abordagens que se propõem a dar prosseguimento à proposta do autor russo, mediante pesquisas teóricas e empíricas. Para discutir as implicações de um olhar histórico-cultural no estudo dos afetos, faremos referência, dentre outros, aos trabalhos de Fleer (2013), Fleer e Hammer (2013), González Rey (2000, 2007), Magiolino (2010, 2013), Magiolino e Smolka (2013), Valsiner (2012, no prelo) e Branco e Valsiner (2010). Por fim, indicaremos algumas trilhas a serem abertas e consolidadas nas pesquisas sobre o tema.

VIGOTSKI E AS EMOÇÕES: UMA ESTRADA INCONCLUSA

Embora Vigotski não tenha chegado a sistematizar uma teoria das emoções ou afetos, conforme mencionado anteriormente, essa temática perpassa diferentes momentos de sua produção, em que é sinalizada a importância fundamental do tópico para os estudos em Psicologia. O psicólogo russo dialoga com diversos autores, criticando as abordagens de cunho organicista e metafísico dominantes em sua época (e, em certa medida, ainda atualmente), ensaia uma discussão sobre as aplicações pedagógicas de uma nova perspectiva sobre as emoções e delineia, gradualmente, marcos do caminho para a investigação do campo.

A seguir, apresentaremos brevemente o percurso de desenvolvimento das reflexões do teórico, procurando destacar contribuições relevantes e, por fim, aspectos que permaneceram em aberto, considerando o contexto mais amplo de sua obra. Cabe frisar que esta é apenas uma das possibilidades interpretativas com base no trabalho do autor, que guarda muitas questões pontuadas de forma introdutória ou implícita, ainda não suficientemente exploradas.

Em *Psicologia da Arte*, particularmente no capítulo intitulado *A Arte como Catarse*, Vigotski (1925/1971) discute a relação entre emoção e imaginação na experiência estética, procurando compreender os processos psicológicos subjacentes à catarse vivenciada por meio da arte. Como ponto de partida, toma a noção de que a emoção representa uma descarga de energia nervosa que vai de encontro à lógica de economia energética do organismo. Afirma o autor:

No que se refere à arte, aqui domina exatamente a lei inversa do dispêndio e gasto de descarga de energia nervosa, e nós sabemos que quanto maiores são esse dispêndio e essa descarga tanto maior é a comoção causada pela arte. Se lembrarmos o fato elementar de que todo sentimento é um dispêndio de energia espiritual e a arte está forçosamente ligada à excitação do complexo jogo de sentimentos, veremos imediatamente que a arte viola a lei do menor esforço e em seu efeito mais imediato e na construção da forma artística subordina-se exatamente a uma lei oposta. (Vigotski, 1925/1971, p. 257).

Nesse trabalho Vigotski (1925/1971) defende que as emoções provocadas pela arte não se resumem a uma mera soma de percepções suscitadas por estímulos específicos, mas implicam uma intensa atividade psíquica, em que interatuam complexas operações intelectuais, incluindo a imaginação. O autor considera que a exploração do campo imaginativo-criador (termo nosso) representa o diferencial entre as emoções provocadas pela arte e as emoções ordinárias.

Nessa perspectiva, a força de uma obra artística seria derivada da possibilidade de transformação dos afetos por meio da justaposição de valores conflitivos: "... toda obra de arte – fábula, novela, tragédia – encerra forçosamente uma contradição emocional, suscita séries de sentimentos opostos entre si e provoca seu curto-circuito e destruição" (Vigotski, 1925/1971, p. 269). Afirma o autor: "É nessa transformação das emoções, nessa sua autocombustão, nessa reação explosiva que acarreta a descarga das emoções imediatamente suscitadas, que consiste a catarse da reação estética" (p. 272).

Na introdução do capítulo intitulado *A Educação do Comportamento Emocional*, do

livro *Psicologia Pedagógica*, Vigotski (1924-2003) prossegue em suas tentativas de equacionamento do tema, agora segundo o lugar de psicólogo educacional. Nesse capítulo Vigotski parte de uma discussão sobre a natureza biológica das emoções, que estariam próximas do comportamento instintivo. Nessa visão, emoções elementares como a ira e o temor, que suscitam respectivamente reações fisiológicas ligadas ao ataque e à defesa, teriam sido configuradas no processo evolutivo da espécie. Escreve o autor:

Existem muitos motivos para supor que, em certo momento, todas as reações motoras, somáticas e secretoras que entram na composição de uma emoção como forma integral de comportamento foram uma espécie de reações adaptativas úteis de caráter biológico. Sem dúvida, o medo foi a forma superior da fuga instantânea e impetuosa do perigo e, nos animais e por vezes também no ser humano, ainda conserva as marcas evidentes de sua origem. (Vigotski, 1924/2003, p. 115)

Por outro lado, o autor observa que tais reações se mostram extremamente atenuadas no ser humano em relação à sua origem atávica, de modo que, "sem querer, surge a ideia de que, no decorrer da transformação do animal em ser humano, as emoções vão diminuindo de intensidade e se atrofiando" (p. 116); ou seja, a concepção puramente biológica conduziria à conclusão de que as emoções, no ser humano, "devido à modificação das condições de vida, estão condenadas a se extinguir e representam um elemento desnecessário, e por vezes nocivo, dentro do sistema de comportamento" (p. 116). Como consequência dessa visão, surgiria o ideal pedagógico de atuar na direção da repressão e do enfraquecimento das emoções. Vigotski (1924/2003) contrapõe-se a essa concepção biológica, a qual defende a tese da inutilidade das emoções no processo evolutivo da espécie, e passa a analisar o fenômeno sob uma perspectiva psicológica. O autor argumenta que "os sentimentos tornam o comportamento mais complexo e diverso" (p. 117). Dessa maneira, "A mesma conduta, dotada de um aspecto emocional, adquire um caráter totalmente diferente da incolor. As mesmas palavras, pronunciadas com sentimento, agem sobre nós de maneira diferente das pronunciadas sem vida" (p. 117).

Na tentativa de compreender como as emoções modificam o comportamento, Vigotski (1924/2003) não deixa de tomar como premissa a origem biológica das emoções: "... tudo nos permite afirmar que é verdade que a emoção é um sistema de reações vinculado de modo reflexo aos estímulos" (p. 115) – considerando-as como resultantes de uma avaliação do organismo em relação a determinados estímulos internos ou externos. Nesse ponto, o autor identifica que a reação emocional é "um poderoso organizador do comportamento" (p. 118), uma vez que:

... a função interna de organizadora de todo o comportamento, que foi seu papel primário, continua existindo até hoje. Esse aspecto de atividade na emoção é que constitui a característica mais importante no estudo de sua natureza psicológica. Quem pensa que a emoção representa uma vivência puramente passiva do organismo e que ela não provoca nenhuma atividade está concebendo a questão de forma equivocada. (Vigotski, 1924/2003, p. 118)

Assim, Vigotski (1924/2003) localiza a origem da psique nas reações do organismo aos sentimentos primários de satisfação e insatisfação, os quais passam a orientar as ações. Ele destaca o "caráter ativo do sentimento", considerando que "Toda emoção é um chamado à ação ou à rejeição da ação" (p. 119). Não obstante, nesse momento de sua obra o autor parece apontar para uma supremacia das emoções na regulação da conduta, sem analisar suas inter-relações com outros processos psicológicos, como o pensamento, a linguagem e a vontade.

Embora o teórico faça uma tentativa de complexificar a análise do papel das emoções na conduta, sinalizando aspectos importantes das modificações introduzidas pelo componente emocional, a solução proposta nos parece ainda demasiadamente vinculada ao paradigma reflexológico russo. Tal constatação se confirma na última seção do capítulo *A Educação do Comportamento Emocional*, em que Vigotski (1924/2003) aborda propriamente as implicações pedagógicas de sua proposta, afirmando que "... todo sentimento não passa do mecanismo da reação, isto é, de certa resposta do organismo a qualquer estímulo do meio. Portanto, o mecanismo da educação dos sentimentos é, em

linhas gerais, o mesmo que para todas as outras reações" (p. 119), e que "o mecanismo mais simples é a educação de um reflexo condicionado, isto é, desse mecanismo de transferência da reação para um novo estímulo, que se efetua cada vez que este coincide com o estímulo incondicionado de uma reação inata" (p. 119).

Vemos que Vigotski (1924/2003), nessa etapa de sua reflexão, está atrelado a uma concepção de educação por condicionamento, em que os sentimentos primários e egoístas, geneticamente determinados, seriam transformados em sentimentos sociais. Muito embora o autor, ao final do texto, destaque que a emoção é uma ferramenta tão importante quanto o pensamento e que sua supressão representa um empobrecimento da experiência humana, a proposta educacional que explicita sugere um domínio das emoções, uma orientação racional do sentimento por meio do controle de suas expressões externas.

Posteriormente, no *Manuscrito de 1929*, publicado com o título *Psicologia Concreta do Homem*, Vigotski (1929/2000) retoma a noção do drama vivenciado na arte e a estende para a compreensão da dinâmica da própria personalidade na vida ("a dinâmica da personalidade é o drama" (p. 35), o que trará consequências importantes para o estudo das emoções. Nesse trabalho, constituído por apontamentos autorreflexivos, o autor aborda a internalização das relações sociais, concretamente vividas, como processo constituinte do sujeito. Ele argumenta que é por intermédio das condutas voltadas *para* o outro que se constrói o em si e, em seguida, o para si, em um processo contextualizado em uma estrutura social e mediado pela palavra.

Inspirado em Politzer, Vigotski (1929/2000) explora a Psicologia do Drama. Nessa perspectiva, no processo de internalização das relações sociais que constitui a pessoa social, o outro atua como "porta-voz das tradições e contradições de uma cultura", conforme sintetiza Delari Junior (2000, p. 139). Desse modo, são internalizados os papéis presentes nas diversas esferas da vida social, por vezes orientados por valores e crenças conflitivos. Ocorre, na visão de Vigotski, um choque de sistemas, uma vez que esses diferentes papéis entram em conflito e contradição nas situações concretas da vida. Nesse contexto, cada papel carrega também experiências emocionais que definem "o papel

da paixão, da avareza, dos ciúmes, em uma dada estrutura da personalidade” (Vigotski, 1929/2000, p. 34).

Para Vigotski (1929/2000), a personalidade se constitui nos contínuos reposicionamentos do sujeito diante dos conflitos que caracterizam o drama da existência, os quais resultam em uma configuração dinâmica e singular. Nesse cenário, o afeto, os sentimentos e as emoções são compreendidos como constitutivos da personalidade e das funções psicológicas superiores. Vemos, assim, que nessas reflexões o autor abre uma possibilidade de radical superação da concepção das emoções como meras respostas fisiológicas reflexas a estímulos ambientais, ressaltando a importância das relações sociais com seus contornos ideológicos na constituição dos afetos.

Posteriormente, em 1931, Vigotski começou a trabalhar em uma monografia sobre as emoções, que redigiu até 1933. Esse trabalho inacabado foi publicado em espanhol sob o título *Teoría de las Emociones: Estudio Histórico-Psicológico* (1931-33/2004). Nessa obra o autor dialoga com diversos autores, submetendo à crítica a teoria das emoções de Descartes e as posições dualistas vigentes em sua época, como as teorias fisiológicas, de autores como James e Lange, e as abordagens metafísicas ou teleológicas do psiquismo, nas quais enquadrava autores como Freud e Scheler.

Aqui Vigotski (1931-33/2004) robustece sua oposição ao que denomina *teoria zoopsicológica das emoções* (de James e Lange), que aborda o ser humano sob uma perspectiva puramente biológica, atribuindo às emoções uma natureza “inata, reflexa e animal” (p. 211). Filiando-se à visão de Chabrier sobre o tema, o qual se contrapõe à visão de que as emoções corresponderiam a reações automáticas do organismo a excitações específicas, o autor afirma que tal concepção mecanicista é incapaz de explicar as emoções especificamente humanas. Vigotski conclui que “Os sentimentos mais inferiores apareceram a partir de tradições, crenças ou preconceitos religiosos. Sua natureza não permite considerá-los reações instintivas a excitações que não dependam de um sistema ideologicamente estabelecido” (1931-33/2004, p. 212).

O autor afirma que “Toda emoção é uma função da personalidade” (Vigotski, 1931-33/2004, p. 214), o que teria escapado aos adeptos de uma teoria periférica das emoções.

Ele rejeita, dessa forma, a antiga divisão entre sentimentos ou emoções inferiores e superiores, tradicionalmente adotada pelos teóricos que separavam os aspectos tidos como animais e espirituais do ser humano – os primeiros, estudados pelas teorias fisiológicas, e os segundos, como complementação necessária, pelos enfoques metafísicos que abordavam o homem como um espírito desencarnado. Defende, ainda, que não existiriam emoções independentes do corpo.

Em sua análise da obra *Teoria das Emoções*, Van der Veer e Valsiner (2009) identificam que Vigotski buscava uma solução para tais enfoques dicotômicos no estudo das emoções, por meio de uma “abordagem causal monista em psicologia” (p. 385). Isto é, ele buscava a superação da cisão entre a mente e o corpo, vigente nos enfoques mecanicistas causais, e ao mesmo tempo defendia a existência de uma causalidade nos fenômenos psicológicos (contrapondo-se ao entendimento hermenêutico de que haveria uma completa liberdade nos domínios da alma). Assim, o teórico russo teria vislumbrado um caminho para a psicologia no estudo da obra do filósofo Baruch Spinoza. Não obstante, Van der Veer e Valsiner concluem que “o discurso construtivo sobre Spinoza nunca foi escrito” (2009, p. 385), uma vez que *Teoria das Emoções* é um trabalho incompleto.

Van der Veer e Valsiner (2009) consideram que, embora “a crença de Spinoza na unidade de corpo e alma e sua defesa do determinismo” (p. 387) tenham sido “ecoadas na busca por Vigotski de uma nova psicologia das emoções” (p. 387), “é duvidoso que uma teoria desenvolvimentista das emoções pudesse se beneficiar dos escritos de Spinoza” (p. 387), pois, segundo os autores, essa visão desenvolvimentista estaria totalmente ausente nos escritos spinozanos, que teriam um toque reducionista. Eles levantam, então, a hipótese de que Vigotski teria abandonado o projeto de seguir o pensamento de Spinoza.

Em contraposição, autores como Sawaia (2000, 2009) e Magiolino (2010, 2013) têm procurado aplicar conceitos spinozanos ao estudo das emoções, em interlocução com a obra de Vigotski. Essas pesquisadoras consideram que retomar as elaborações do filósofo sobre os afetos contribui para o enriquecimento das compreensões sobre o

tema, ressaltando o caráter dinâmico e unificado dos processos emocionais.

Ultrapassa os objetivos do presente artigo um aprofundamento nessa discussão. O fato é que, ao final de *Teoria das Emoções*, Vigotski não chegou a formular propriamente uma solução para o problema teórico das emoções. A respeito dessa obra, Delari Junior (2009) observa que Vigotski perfaz o diálogo com diversos autores “como lhe é habitual, sem ao final apresentar exatamente uma proposta completa de superação do que é criticado” (p. 1). Desse modo, permaneceria “ainda por se construir uma teoria dos sentimentos humanos que tenha como algumas de suas categorias principais: *a consciência, a cultura, a ideologia, a história e a personalidade humana*, em suas relações interconstitutivas” (Delari Jr., 2009, p. 7; *itálicos do autor*).

Magiolino (2010), em sua tese sobre a temática das emoções na obra de Vigotski, destaca passagens de outros textos em que o autor se remete, pontualmente, à temática dos afetos e emoções, sinalizando conexões com outras dimensões do fenômeno psicológico. Assim, a pesquisadora faz referência à relação entre pensamento e afeto, que constituiriam o todo da consciência humana. Vigotski entenderia que “existe um sistema dinâmico que representa a unidade dos processos afetivos e intelectuais, ... em toda ideia existe, em forma elaborada, uma relação afetiva do homem com a realidade representada nessa ideia” (Vigotski, 1934/2001, citado por Magiolino, 2010, p. 93).

Em uma apreciação sintética dos estudos do teórico sobre as emoções, Magiolino e Smolka (2013) afirmam:

Vigotski vislumbrou que as emoções implicam estados contraditórios na *técnica social dos sentimentos* (*itálicos dos autores*) (1925/1971); emergem historicamente sem perder suas raízes biológicas (1930/1997b); tornam-se isoladas dos instintos (1932/1998); consistem em fortes motivações, que influenciam nosso comportamento (1933/1998); e desenvolvem-se e adquirem sentido e significado (1934/1987b). (p. 104).

A temática das emoções liga-se potencialmente a diversos marcos teóricos estabelecidos por Vigotski no contexto mais amplo de sua obra, mas tais contraposições e conexões não foram suficientemente costuradas

pelo próprio autor, tendo em vista seu falecimento em 1934. Diante desse quadro, outros pesquisadores têm realizado um esforço de integração e desenvolvimento teórico com base em Vigotski, produzindo novos olhares no contexto da psicologia de base histórico-cultural.

O campo de estudo recentemente explorado por Silva e Magiolino (2013), por exemplo, sugere uma esfera fértil de investigação. As autoras têm trabalhado as relações entre emoção e imaginação e a dimensão política dos afetos, apontando para a abertura de um campo de pesquisa que busca problematizar os processos criativos e (est)éticos e seus desdobramentos no desenvolvimento humano. A seguir, veremos outros diálogos teóricos e proposições interessantes de pesquisadores que se dedicam a problematizar as questões debatidas até aqui.

NOVAS CONTRIBUIÇÕES SOBRE O AFETO: A CONFIGURAÇÃO DE INTERFACES TEÓRICAS PROPOSITIVAS

Atualmente, inspirados e instigados pelas proposições vigotskianas, diversos autores têm procurado integrar a temática dos afetos em articulações teóricas fundamentadas em uma perspectiva histórica e sociocultural que atente para a complexidade e a dinamicidade do sujeito. Nesta seção do artigo, discutiremos alguns trabalhos de pesquisadores que representam diferentes orientações socioculturais, no intuito de demonstrar desenvolvimentos teóricos realizados com base em Vigotski, sem a pretensão de esgotar os estudos em andamento nesse campo. Abordaremos sinteticamente as contribuições de González Rey (2000, 2007), Fleer (2013), Fleer e Hammer (2013), Magiolino (2010, 2013), Magiolino e Smolka (2013), Branco e Valsiner (2010) e Valsiner (2012, no prelo), para em seguida discutirmos os principais avanços e desafios para a pesquisa nesse território.

González Rey (2000) considera que as emoções têm sido tradicionalmente estudadas pela psicologia como epifenômenos de outros processos, sempre associadas ao biológico ou ao social, porém sem um *status* próprio. O autor procura compreender as emoções de forma integrada à dinâmica da personalidade, trabalhando também com o aporte de Vigotski.

González Rey (2000) afirma que “... a integração do cognitivo e do afetivo é uma ideia

presente, de uma ou outra forma, em muitos trabalhos de Vigotski” (p. 136), destacando que o autor russo outorga à emoção um lugar equivalente ao dos processos cognitivos na formação das unidades constitutivas da psique. Assim, afeto e cognição atuariam de forma interdependente, constituindo um todo complexo. Para ele, “Vigotski vê a emoção comprometida com o processo cambiante de necessidades que acompanha o desenvolvimento psicológico, uma elaboração de grande complexidade, que teria de ser retomada e desenvolvida com base em sua obra” (p. 138).

Em uma análise das contribuições de psicólogos soviéticos como Vigotski e Rubinstein para a reconstrução da psicologia por meio da compreensão do caráter cultural do psiquismo, o autor destaca duas ideias que, em sua leitura, tiveram forte impacto nesse processo: a) o desenvolvimento das funções psíquicas na atividade; e b) a mediação das funções psicológicas superiores pelos signos (González Rey, 2000).

A partir dessa visão, González Rey (2000) busca relacionar a temática das emoções com outras categorias propostas por Vigotski. O autor associa os processos de comunicação voltados à satisfação de necessidades, considerados por Vigotski como fundamentais para o desenvolvimento psicológico, ao surgimento de emoções específicas e diferenciadas. Nessa perspectiva, as necessidades não são vistas como biologicamente condicionadas, mas como construções culturais que desencadeiam processos dinâmicos no organismo, integrando emoções preexistentes e gerando novas emoções, novos estados qualitativos do organismo e novas necessidades. As necessidades participam, desse modo, do sentido subjetivo que perpassa as diferentes atividades, estados e experiências.

González Rey (2000) considera que o afeto é construído por meio das categorias de necessidades e emoções, assim como dos sentimentos, constituindo um componente essencial do sistema psíquico em seu funcionamento dinâmico e integrado. O autor prossegue nesse raciocínio integrando também os processos de significação. Segundo ele, para cada necessidade culturalmente constituída seriam produzidos sentidos subjetivos no contexto das diversas áreas de atividade humana. Dessa forma, as necessidades se organizariam em motivos. Esclarece o autor:

A necessidade sexual, por exemplo, torna-se motivo no processo de integração de outros sentidos subjetivos provenientes de outras esferas da vida psíquica, que passam a ser constituintes do motivo sexual, como a moral, a constituição de gênero, a qualidade das diferentes relações emocionais da pessoa ao longo da vida, o sentido e a significação do corpo etc. Todas essas dimensões de sentido se organizam no motivo sexual e caracterizam o tipo de emoções associadas a ele. (González Rey, 2000, p. 145).

Nesse contexto, a personalidade é compreendida como um sistema que representa a subjetividade individual e no qual as necessidades manifestam suas formas subjetivas de expressão diferenciadas em motivos. O autor argumenta que “Vigotski tinha uma representação clara do caráter social e histórico da personalidade humana, e a representava como um momento importante de sentido subjetivo, para opor-se às concepções fatalistas em relação ao impacto das deficiências psicológicas na definição da personalidade humana” (González Rey, 2000, p. 146).

Para González Rey (2007), a categoria sentido – que em sua visão representou um giro qualitativo nos últimos trabalhos de Vigotski – torna-se central para a teorização da subjetividade na perspectiva histórico-cultural. O autor desenvolve o conceito de sentido subjetivo, no qual “fica enfatizada a relação do simbólico com o emocional, e não apenas entre o intelectual e o afetivo, que tinha sido o foco de Vygotsky” (p. 170). Ele entende que, com a categoria sentido, Vigotski reconhece de forma implícita o caráter gerador da psique. Desse modo, a internalização (ou interiorização) não seria a única via para a formação de conteúdos psicológicos, superando-se uma visão linear da relação entre processos inter e intrapsicológicos. Para o autor, “O sentido subjetivo não representa uma expressão linear de nenhum evento da vida social, pelo contrário, ele é o resultado de uma rede de eventos e de suas consequências colaterais, que se expressam em complexas produções psíquicas” (p. 172).

González Rey (2000, 2007) propõe, assim, a centralidade da emocionalidade e dos processos simbólicos na constituição da subjetividade, enfatizando a unicidade do psiquismo e a capacidade de produção humana. Esse autor contrapõe-se à visão determinista de que as

práticas sociais, em seu caráter objetivo, condicionam os estados subjetivos, salientando o poder transformador humano.

Fleer e Hammer (2013), por sua vez, estudam o desenvolvimento emocional na primeira infância sob a perspectiva vigotskiana. As autoras enfatizam a importância da emocionalidade para a aprendizagem e para a convivência em coletividade, argumentando: “A competência emocional, conceitualizada sob uma perspectiva histórico-cultural, examina as relações entre o contexto social como prática cultural e o desenvolvimento emocional do indivíduo” (2013, p. 242).

Inspiradas nos estudos de Vigotski, as pesquisadoras focalizaram especificamente a regulação emocional, analisando a dinâmica inter e intrapsicológica nesse processo, em que se relacionam emoções, cognição e imaginação em contextos coletivos de atividade. Na compreensão das autoras, trata-se não apenas da regulação da ação pelas emoções, mas também de se conduzir o processo inverso, em que as emoções são reguladas pelas ações. Essa autorregulação torna-se uma forma de consciência emocional que emerge a partir de práticas sociais, com base na relação dialética entre as regulações interpessoal e intrapessoal.

Segundo essa perspectiva, no caso da educação infantil, as crianças desenvolvem a consciência de suas emoções e a capacidade de nomeá-las, passando de um estado bruto de expressão biológica para o nível chamado de sentimentos. Esse processo é sempre mediado por outros, assumindo as características de uma comunidade cultural particular. “É por meio do processo de relações sociais entre as pessoas que as emoções são expressas, nomeadas e interpretadas como sentimentos” (Fleer & Hammer, 2013, p. 246).

Fleer e Hammer (2013) baseiam-se nas postulações de Vigotski, contidas na *Psicologia da Arte*, a respeito da dupla expressão dos sentimentos, destacando o caráter conflitivo e contraditório das emoções emergente na experiência estética e na brincadeira infantil. “Nós acreditamos que essa duplicidade da expressão emocional no jogo imaginário e no drama está teoricamente conectada, quando eles são conscientemente considerados como estados sentimentais” (Fleer & Hammer, 2013 p. 248).

As autoras destacam o papel da imaginação afetiva na experiência das crianças com os

contos de fada ao imaginarem os estados emocionais das personagens. Ao ouvir várias vezes a mesma história e revivê-la em atividades de dramatização e representação plástica, as crianças desenvolvem a capacidade de antecipação emocional e exploram coletivamente diferentes modos de expressão das emoções.

Segundo a perspectiva de Fleer e Hammer (2013), na vivência dessas experiências em grupo é desenvolvida uma forma de consciência social. Nessas atividades, as emoções não são apenas expressas, mas também transformadas e desenvolvidas. Isto se deve à relação dialética entre os mundos real e imaginativo, provocada pela tensão rítmica resultante da alternância de estados emocionais ao longo da história.

Em outro estudo, Fleer (2013) explora as relações entre emoções e cognição em atividades de grupo na Educação Infantil. Ela parte da premissa de que a abordagem de temas científicos não apenas permite alcançar compreensões em nível conceitual, mas abre possibilidades para o engajamento e o comprometimento das emoções. A autora considera, ainda, que eventos carregados emocionalmente são representados nos dramas dos contos de fada e que, por meio desses dramas, conceitos relevantes podem se tornar conscientemente reais para as crianças. Afirma a autora:

As emoções não atuam apenas como o prisma através do qual o ambiente é experimentado, mas as experiências são emocionalmente carregadas. Essa emocionalidade é transportada com a experiência para o nível intrapsicológico, onde o conceito ou palavra adquire um resíduo emocional, que se articula novamente ao ambiente e determina o relacionamento que a criança tem com uma dada situação. (Fleer, 2013, p. 2090)

Nos trabalhos de Fleer e Hammer (2013) e Fleer (2013) ressaltam-se o papel da imaginação e sua estreita vinculação com processos afetivos e cognitivos. As autoras destacam a importância, para o desenvolvimento emocional, dos contextos coletivos de experiência, nos quais são compartilhadas práticas culturalmente significativas, por meio de processos comunicativos. Diversamente do postulado por González Rey (2000, 2007), nesse enfoque os processos idiossincráticos ou subjetivos não são

colocados em relevo, pois a ênfase é dada às dinâmicas e trocas sociais que constituem a pessoa.

Magiolino e Smolka (2013), por seu turno, têm explorado as relações entre a emoção e os processos de significação baseando-se na obra de Vigotski. Abordando o desenvolvimento na perspectiva vigotskiana, as autoras entendem que no ser humano as emoções deixam de ser um movimento restrito à regulação de estados internos do organismo e assumem uma função de orientação do comportamento e de (trans)formação da personalidade. Desse modo, defendem que o estudo das emoções necessita transcender os campos biológico e mental e abranger a dimensão semiótica, considerando “a função dos signos, palavras, significados e produção de sentido na constituição e organização da psique humana” (Magiolino & Smolka, 2013, p. 104). Em outro trabalho, Magiolino afirma que “A emoção está no âmago do processo de significação, de tudo o que tem sentido e significado na vida e na arte” (2010, p. 166).

As pesquisadoras resgatam a proposta de Vigotski de que as emoções se desenvolvem, isto é, não são fixas ou estáticas, e que esse processo ocorre interconectado com o desenvolvimento de outras funções psicológicas. Tendo em vista que a conversão das relações sociais em funções psicológicas ocorre mediada pela linguagem, os signos e as palavras assumem uma fundamental importância no desenvolvimento emocional.

Há um ponto de convergência de Magiolino e Smolka (2013) com a proposição de González Rey (2000), ao sublinharem que as relações sociais produzem um efeito singular e assumem uma significação única para cada sujeito, a qual será internalizada (e não as relações sociais propriamente, em sua materialidade). Por outro lado, as autoras pontuam que os processos de significação são produzidos em condições concretas de existência, resultantes de relações sociais de produção, alinhando-se a uma abordagem marxista, ponto em que elas divergem radicalmente das ideias de González Rey.

Assim, o organismo humano é visto como lugar de emoções, sentimentos e relacionamentos, que, embora singulares no processo de interpretação da realidade vivida, carregam a marca de práticas sociais historicamente construídas. Explicam as autoras:

Nós não simplesmente “sentimos”, mas nós “sentimos” como sentido e significado. Nós ficamos *emocionados* dentro de uma rede de relações interpessoais – imersas em uma história de relações sociais-individuais, em que uma pessoa afeta cada uma das outras. O signo (a palavra é um signo por excelência) é um produto e um produtor de corpos humanos em interação, e transforma (o status das) emoções humanas em produções culturais e históricas. (Magiolino & Smolka, 2013, p. 106; *itálico dos autores*).

As pesquisadoras argumentam que a consciência das emoções é possibilitada pela linguagem. As emoções da criança, por exemplo, são significadas pelo adulto, que as traduz em palavras, constituindo sua forma de pensar e sentir, transformando ações e sentimentos (Pino, 2005). Assim, a linguagem permite entender a si mesmo e elaborar as emoções. Nessa visão, “as emoções não são ensinadas ou internalizadas; elas *significam* e adquirem significado em um sistema de relações sociais” (Magiolino & Smolka, 2013, p. 108; *itálico dos autores*).

Por outro lado, esse sistema de relações sociais que constitui a personalidade não se configura de modo harmônico e convergente - ao contrário, o interjogo das relações sociais e posições ocupadas pelos sujeitos é caracterizado por tensão, dinamismo e, frequentemente, por contradição. Dessa maneira, Magiolino e Smolka (2013), assim como Silva e Magiolino (2013), retomam a noção do drama na constituição da personalidade, alinhavada por Vigotski, argumentando que os modos de se emocionar e de ser movido a agir em certas direções emergem de uma história de relações interpessoais, uma história marcada por ideologia e poder, como afirma Magiolino (2010) em sua tese. Assim, essa visão ressalta o caráter conflitivo das relações sociais, significações e emoções, o qual seria internalizado no processo de desenvolvimento, constituindo a dinâmica interna do sujeito.

Valsiner (2012, no prelo) e Branco (Branco & Valsiner, 2010), em uma vertente da Psicologia Cultural, propõem que o desenvolvimento humano consiste em um processo dinâmico e dialético de coconstrução de sentidos e significados no bojo de uma dada cultura, e concebem os afetos como campos semióticos hierarquicamente organizados. O

desenvolvimento ocorre e é nutrido em contextos simbólicos em que interatuam práticas e valores socioculturais e a reflexividade crítica dos sujeitos (Branco & Valsiner, 2010).

Para os autores, os fenômenos afetivos são centrais no psiquismo: as emoções referem-se a categorias pontuais como tristeza e alegria, enquanto os sentimentos correspondem a campos afetivos mais difusos, decorrentes de processos abstrativos de generalização e hipergeneralização. Branco e Valsiner (2010) afirmam:

A experiência humana, e, portanto, seu estudo, envolve a análise de processos de generalização e hipergeneralização (Valsiner, 2005, 2007). O último pode ser exemplificado por categorias polissêmicas e difíceis de descrever como amor, justiça, etc. Categorias como essas são muito complexas e heterogêneas, exatamente devido aos processos de hipergeneralização, e elas resistem a definições precisas, mesmo quando relacionadas a culturas pessoais específicas – o indivíduo – em um contexto sociocultural muito particular. (p. 245)

Tais processos de hipergeneralização semiótica são possibilitados pela contínua criação e uso de signos pelos seres humanos em interação (Branco & Valsiner, 2010), o que dá origem a hierarquias de regulação semiótica dos processos afetivos. No nível inferior da hierarquia se situam os processos fisiológicos imediatos (generalizações pré-verbais, como uma sensação de bem-estar), acima dos quais se encontram emoções específicas que podem ser nomeadas verbalmente (como alegria ou raiva), e nos níveis mais altos de generalização os estados afetivos são sentidos pela pessoa de forma muito poderosa, mas dificilmente expressa em palavras (nível pós-linguístico).

No último nível situam-se, assim, valores e profundas convicções, configurando modelos interpretativos que conferem sentido às mensagens sociais e experiências vividas, guiando as ações individuais e direcionando os processos comunicativos; ou seja, são os campos afetivo-semióticos hipergeneralizados que conferem o tom afetivo subjetivo que conduz a pessoa a interpretar os eventos sob uma determinada ótica. Por exemplo, a oferta de ajuda por parte de um colega pode ser interpretada como um ato de amizade ou como

uma ofensa, a depender dos valores da pessoa em questão.

Em tal perspectiva, “... não há nada permanente na experiência fluida da pessoa” (Branco & Valsiner, 2010, p. 247), e a nomeação das emoções é apenas uma forma de capturar temporariamente um processo dinâmico, tornando-o estático no campo reflexivo. Os autores defendem que o papel da linguagem não deve ser superestimado no desenvolvimento humano, sendo necessário adotar uma concepção ampliada sobre os processos semióticos, que não se reduzem à dimensão verbal: “Valores são tão básicos – ontogeneticamente internalizados – que não são mais facilmente acessíveis por meio de processos verbalmente mediados” (p. 248), porque se tornaram generalizações deslocadas de seu contexto original, que passaram a matizar as novas experiências.

Branco e Valsiner (2010) destacam que a hierarquia dos campos afetivos está em contínua reconstrução, de modo que pode ocorrer reorganização, emergência de novos signos, declínio ou bloqueio de signos existentes ao longo do desenvolvimento humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse breve artigo exploratório sobre a temática dos afetos, iniciamos destacando alguns aspectos da obra de Vigotski, situando o gradual avanço de suas especulações sobre o tema, as quais não chegaram à elaboração de um sistema teórico sobre as emoções. Ainda assim, identificamos que o teórico sublinhou a importância do desenvolvimento emocional na constituição da personalidade, sendo este considerado inseparável do desenvolvimento das funções psicológicas superiores, incluindo a imaginação e a linguagem. Movido por sua fascinação pelo teatro, Vigotski vislumbrou o drama das relações humanas, retratado nos palcos e na vida cotidiana, traçando um paralelo entre a experiência estética e os choques de valores, crenças e emoções que perpassam o desenvolvimento (Vigotski, 1924/2003, 1925/1999, 1929/2000, 1931-33/2004).

Em seguida, destacamos as contribuições de alguns autores contemporâneos para o estudo psicológico dos afetos e das emoções, mas sem a pretensão de esgotar as análises. Em um olhar panorâmico sobre as diferentes perspectivas

apresentadas, observamos a emergência de uma relativa polarização entre dois aspectos: práticas sociais (atividade) e processos de significação (subjetividade). Assim, por exemplo, a visão de Fleer e Hammer (2013) destaca a importância das práticas culturais, socialmente compartilhadas, para o desenvolvimento emocional, enquanto González Rey (2000, 2007) enfatiza os processos subjetivos de produção de novos sentidos e necessidades, em que as emoções ocupam posição central. Por outro lado, Valsiner e Branco (Branco & Valsiner, 2010; Valsiner, 2012, no prelo) procuram integrar as duas dimensões (práticas e valores), considerando as relações entre os processos de internalização e externalização dos signos e significados produzidos na cultura em um movimento bidirecional e coconstrutivo entre o individual e o coletivo.

Verificamos, ainda, a existência de diferentes concepções sobre o papel da linguagem no desenvolvimento emocional. Para Magiolino e Smolka (2013), como também para Fleer e Hammer (2013), as emoções são reconhecidas e nomeadas nas relações sociais, e sua expressão e significação, constituídas a partir dessas relações em contextos culturais específicos. Destarte, nessa visão, a linguagem, relacionada ao campo da significação (não restrita à comunicação verbal), possui uma função central na organização, controle e manifestação das emoções.

Em contrapartida, Valsiner e Branco (Valsiner, 2012, no prelo; Branco & Valsiner, 2010) propõem uma hierarquia de campos afetivos baseada em uma compreensão mais abrangente da mediação semiótica. Para esses autores, a comunicação verbal é importante, porém não esgota a complexidade dos processos abstrativos que conduzem o desenvolvimento de campos afetivo-semióticos poderosos, pós-verbais, como é o caso dos valores. Experiências profundamente significativas para o ser humano, ligadas à arte, à religiosidade, ao sofrimento, entre outras, ancoradas em valores e crenças orientadores da conduta, não podem ser satisfatoriamente traduzidas em palavras. Tal constatação indica a complexidade e o dinamismo desse objeto de investigação, que convida à busca de métodos de pesquisa inovadores e criativos.

Em suma, partimos com a proposta de explorar um território que terminou por se revelar como um lugar de processos fluidos e

dinâmicos, desafiadores de uma lógica científica que intenta pesquisar fenômenos psicológicos como se fossem entidades estáticas, bem-delimitadas e independentes. Descobrimos que os afetos não podem ser separados da experiência humana como um todo, interagindo com dimensões costumeiramente nomeadas de cognição, imaginação, linguagem, atividade – palavras que também não esgotam a complexidade dos processos que pretendem rotular. Complexidade que inclui a conexão entre sistemas biológicos e culturais, na contínua (trans)formação da individualidade e das práticas coletivas.

Diante dessas constatações, pesquisar o campo dos afetos implica evitar tentativas ingênuas de acesso direto ao fenômeno, por meio de abordagens lineares de pesquisa. Implica, portanto, explorar novos caminhos, quicá inspirados pela arte, que permitam um aprofundamento qualitativo sobre a inesgotável complexidade humana.

REFERÊNCIAS

- Branco, A. U., & Valsiner, J. (2010). Towards cultural psychology of affective processes: Semiotic regulation of dynamic fields. *Estudios de Psicología*, 31, 243-251.
- Delari Junior, A. (2000). *Consciência e linguagem em Vigotski: Aproximações ao diálogo sobre subjetividade*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.
- Delari Junior, A. (2009). *Discípulos involuntários de Descartes: Síntese do capítulo 18 da Teoria das Emoções de L.S. Vigotski*. Material didático. Umarama, PR: Grupo de Estudos em Teoria Histórico-Cultural.
- Fleer, M. (2013). Affective imagination in science education: Determining the emotional nature of scientific and technological learning of young children. *Research in Science Education*, 43(5), 2085-2106.
- Fleer, M., & Hammer, M. (2013). Emotions in imaginative situations: The valued place of fairy tales for support in emotion regulation. *Mind, Culture, and Activity*, 20(3), 240-259.
- González Rey, F. (2000). El lugar de las emociones en la constitución social de lo psíquico: El aporte de Vigotski. *Educación & Sociedad*, 70, 132-148.
- González Rey, F. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: Sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, 24, 155-179.
- Magiolino, L. L. S. (2010). *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: Um estudo teórico da obra de Vigotski*. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

- Magiolino, L. L. S. (2013). Afetividade e/na educação: Sentir e expressar na experiência (est)ética – contribuições da filosofia espinosana. *Filosofia e Educação*, 5(1), 156-183.
- Magiolino, L. L. S., & Smolka, A. L. B. (2013). How do emotions signify? Social relations and psychological functions in the dramatic constitution of subjects. *Mind, Culture, and Activity*, 20(1), 96-112.
- Pino, A. (2005). *As marcas do humano: Às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev.S.Vigotski*. São Paulo: Cortez.
- Sawaia, B. B. (2000). Emoção como locus da produção do conhecimento - Las emociones y la personalidad: desafios para su reconstrucción desde una perspectiva histórico-cultural. In *III Conference for Sociocultural Research*, 1 (p. 29). Campinas: Universidade Estadual de Campinas.
- Sawaia, B. B. (2009). Psicologia e desigualdade social: Uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia e Sociedade*, 21, 364-372.
- Silva, D. N. H., & Magiolino, L. L. S. (2013). As relações entre emoção e fantasia na dinâmica de liberdade e servidão das paixões - a experiência (est)ética de Simone-castor [Resumo]. In *XVII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Recuperado em 28 de março, 2014, de <http://www.encontro2013.abrapso.org.br/trabalho/view?q=YToyOntzOjY6InBhcmFtcyl7czoZnJoiYT0xOntzOjExOiJJR>
- F9UUkFCQUxITyI7czo0OIl2NzA2ljt9ljtzOjE6ImgiO3M6Mzl6ImVjZTA0MjI4MmEwODZmYWl5MMDMzZDQ0MDIkYTQ4NDEzljt9
- Valsiner, J. (2012). *Fundamentos da psicologia cultural: Mundos da mente, mundos da vida*. Porto Alegre: Artmed.
- Valsiner, J. (no prelo). *An invitation to cultural psychology*. Londres: Sage.
- Van der Veer, R., & Valsiner, J. (2009). *Vygotsky: Uma síntese*. São Paulo: Edições Loyola.
- Vigotski, L. S. (1924/2003). A educação do comportamento emocional. In L. S. Vigotski. *Psicologia pedagógica* (pp. 113-124). Porto Alegre: Artmed.
- Vigotski, L. S. (1925/1999). *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes.
- Vigotski, L. S. (1929/2000). Manuscrito de 1929 [Psicologia concreta do homem]. *Educação e Sociedade*, 71, 21-44.
- Vigotsky, L. (1931-33/2004). *Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico*. Madrid: Akal Universitaria.

Recebido em 02/04/2014

Aceito em 19/06/2014

Daniela Schmitz Wortmeyer: mestre em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasil.

Daniele Nunes Henrique Silva: mestre e doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, professora do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento e do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasil.

Angela Uchoa Branco: mestre em Psicologia pela Universidade de Brasília, doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo, realizou pós-doutorados plenos (University of North Carolina e Duke University) e de menor período (Clark University e Universidad Autónoma de Madrid), professora do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, Brasil.